



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GERSOL KLIPPEL GNOATTO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-483

Entrevistado: Gerson Klippel Gnoatto

Nascimento: 08/10/1963

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadores: Gustavo Bernardi e Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 06/11/2014

Transcrição: Raquel Helena Ritter Braga

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 48 minutos e 11 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

O início na ginástica aos sete anos por influência do pai; Gratidão aos treinadores do Rio Grande do Sul e de Belo Horizonte; Mudanças que sentiu quando deixou o Rio Grande do Sul e partiu para Belo Horizonte; Falta de incentivo ao esporte; Participação em competições mundiais, Pan Americanos e nos Jogos Olímpicos de Los Angeles; Experiência de participar nos Jogos Olímpicos; Marcas que a ginástica deixou na sua vida; Afastamento do esporte de alto rendimento e início da corrida em maratonas como lazer.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2014. Entrevista com Gerson Klippel Gnoatto a cargo dos pesquisadores Gustavo Bernardi e Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B. – Gerson, como foi a sua inserção no esporte? Já começou na ginástica, ou praticava algum outro esporte?

G.G. – Primeiro bom dia para o Gustavo e para a Christiane. Eu comecei bem cedo no esporte, aos sete anos de idade, já vindo da minha família, meu pai era atleta ginasta. E meu pai por ter feito ginástica colocou todos os filhos na ginástica, logo no início, sete anos, todos os filhos. Eu tenho outros dois irmãos, mas eles não continuaram no esporte e eu continuei sempre fazendo ginástica, desde os sete anos. Comecei no Grêmio Náutico União, clube aqui de Porto Alegre, onde meu pai era um dos vice-diretores do esporte, e até os meus dezessete anos fiquei no Grêmio Náutico União, então peguei toda minha base de ginástica, toda a iniciação esportiva foi no GNU¹, com os professores Nilson Olson² e depois com Jairo Brandão. Também foi um dos meus professores aqui. Eu acho bom citar isso. Eu tive uma iniciação *bem* no início que com o treinador que chamava Flecha³ – agora esqueci o primeiro nome dele – mas era conhecido como Flecha. Mas esses dois treinadores, o Nilson Olson e o Jairo Brandão, foram os meus treinadores nessa parte de base até eu sair de Porto Alegre em 1980, com dezessete anos, e fui morar em Belo Horizonte. Fui convidado pelo Minas Tênis Clube para participar da equipe deles de ginástica olímpica, onde eles iriam fazer um centro de treinamento, trazer mais ginastas de destaque de todo o país e formar um equipe forte de ginastas para o Minas Tênis Clube. Então em 1980 eu fui para Belo Horizonte e fiquei cinco anos lá fazendo ginástica já na parte adulta. Saindo da adolescência já para a parte adulta.

G.B. – Dentro da sua carreira, fora o GNU, teve mais algum clube nesse início que você praticou?

¹ Grêmio Náutico União.

² Nilson Olson.

³ Nome sujeito a confirmação

G.G. – Eu comecei no União, depois fui para o Minas Tênis Clube em Minas Gerais, 1980, e voltei depois de quatro anos, cinco anos praticamente, para a SOGIPA⁴. Então a SOGIPA também aqui em Porto Alegre, foi onde eu terminei... Parei de fazer ginástica, terminei essa carreira de ginasta na SOGIPA, ainda por volta de 1987. Então foram esse três clubes: União, Minas Tênis Clube e a SOGIPA.

G.B. – Dentro destas pessoas que você citou que te influenciaram, que te treinaram, ali no começo... Tem mais alguém que tu gostaria de destacar?

G.G. – Olha, não... Com certeza, o principal é o meu pai, que realmente foi sempre um incentivador, com quem eu tive todo o apoio... Dele e da minha família também, mas principalmente do meu pai, por ele ter feito ginástica e quem eu levo sempre comigo que assim que fez realmente foi o Nilson Olson, que eu comecei... O Jairo Brandão, que me deu uma base *muito boa*, é um treinador *muito bom*! E lá em Belo Horizonte eu tinha dois treinadores: um que se chama Mário Pardini, que além de treinador ele era coordenador do departamento de ginástica do Minas Tênis Clube, e o Kenji Ohara, que é um japonês... Que veio, inicialmente, para São Paulo, trabalhou no Pinheiros⁵, e na minha ida para lá, na ida de vários atletas, ele foi para fazer este centro de treinamento, então o Ohara. Seriam estes treinadores. Todas as pessoas que passaram pela minha vida de esporte foram importantes, mas esses com destaque, com certeza.

C.M. – Neste período do Grêmio Náutico União, Minas e SOGIPA, como eram os treinamentos? Sua rotina de treinamentos, você lembra quantas horas?

G.G. – Eu treinava todos os dias à noite, depois do colégio, mais ou menos eu acho que seis e meia, sete horas começava. E a maioria dos meus treinamentos depois assim que eu comecei a treinar mais, era no CETE⁶, na época a gente chamava de DED⁷ ainda. Então era no CETE. Todos os clubes iam para lá e treinavam. É uma coisa que eu acho que está voltando agora, eu acho que vai voltar porque o CETE foi reinaugurado, está com uma aparelhagem nova. Então a gente fazia isso todos os dias, de segunda a sexta, a noite, e

⁴ Sociedade Ginástica de Porto Alegre.

⁵ Esporte Clube Pinheiros.

⁶ Centro Estadual de Treinamento Esportivo do Rio Grande do Sul.

sábado a tarde, era a nossa rotina. Quanto tempo de treinamento, eu não sei. Eram duas horas, três horas, não me lembro direito, mas aí quando eu fui para Belo Horizonte já mudou, mudou bastante. Inicialmente a gente treinava em dois turnos, pela manhã e no final da tarde, de segunda a sábado – sábado era só pela manhã, não tinha a tarde – e era um treinamento bem puxado, bem... Eu me lembro que na época, eu fui em agosto de 1980 para lá e aí começamos a treinar muito forte, bastante mesmo... E a ginástica machuca muito as mãos, então eu vivia com as minhas mãos em bolhas... A gente usa, na ginástica, protetor para fazer em alguns aparelhos e eu usava as vezes dois protetores para proteger porque a mão ficava muito machucada... Então realmente o treinamento foi muito mais forte do que eu vinha fazendo aqui no sul.

C.M. – E quando volta para a SOGIPA...

G.G. – Aí volta para a SOGIPA mais ou menos dentro do mesmo esquema de treinamento. Algumas vezes, não sempre, em dois turnos, mas mais ou menos dentro do mesmo esquema. Seria assim uma divisão de tu sair de um treinamento de ginástica competitiva para talvez um alto rendimento, que aí requer mais tempo de treino.

G.B. – Qual era a situação da ginástica na década de 1980? Tu acha que existia incentivo?

G.G. – Olha... eu sempre achei que não existia incentivo. Até hoje eu acho que não existe incentivo! [risos] O que os atletas fazem hoje é um milagre, na verdade! Na época eu achava pouco incentivo. Na verdade o que falta para a ginástica, desde lá até hoje, eu acho que são poucos participantes, tinha que massificar o esporte. Então massificar o esporte para ter uma qualidade. Tu vê: hoje a gente tem um destaque internacional muito grande, a gente, desde a Daiane⁸... Eu acho que o divisor de águas da ginástica é antes da Daiane e depois da Daiane. Nós vivemos a fase antes da Daiane, então a gente fazia uma boa ginástica, se destacava nacionalmente aqui, mas internacionalmente nós não éramos nada praticamente. O que eu me orgulho de fazer internacionalmente foi ter ganho um brevê da Federação Internacional de Ginástica e ser atleta internacional, de classe internacional. Eu não sei se ainda tem isso, mas na época todos os atletas que alcançassem em campeonato

⁷ Departamento Estadual de Desportos.

⁸ Daiane Garcia dos Santos.

mundial média nove ganhava um brevê. Então era esse o nosso objetivo. Eu ganhei o brevê em 1983 no Mundial⁹ de Rotterdam na Holanda, com média 9,20. Quer dizer: era muito bom 9,20 para um brasileiro, só que os russos, os japoneses, os chineses também, estavam fazendo 9,80! Quer dizer: a diferença era grande ainda. 9,20 é uma média boa, é uma nota boa, é uma ginástica boa, mas era muito distante ainda da ginástica dos melhores e hoje em alguns aparelhos, em alguns setores. Os meninos, eles estão muito bons, estão com uma ginástica realmente de nível internacional, pelo que eu acompanhei pela televisão. Eu não acompanho muito os treinamentos e tudo, mas pelo que eu acompanhei na televisão o campeonato mundial, que hoje também é mais divulgado, eles estão em um nível muito bom, um nível internacional, um nível que já dá para dizer que aqui tem ginástica internacional. E na época o apoio era mais dos clubes e das famílias. Mas sempre foi assim, o esporte sempre foi desse jeito. As famílias incentivando e os clubes que tem ginástica. Se é para resumir: eu acho que falta apoio para o esporte em geral, mas na ginástica falta também.

C.M. – Na década de 1980, além do Grêmio Náutico União e da SOGIPA, tinha mais algum clube que vocês encontravam em competições, que tinham algum destaque?

G.G. – No Rio Grande do Sul?

C.M. – É.

G.G. – Não, não tinha. Tu vê: nós estamos falando de trinta anos atrás... SOGIPA e União e hoje continua SOGIPA e União e fracos. *Fracos!* O União ainda tem um pouco mais, teve o Mozhiah¹⁰ que foi para a Olimpíada, teve a Adrian¹¹ que foi para a Olimpíada também, mas sabe, não tem... *Dois clubes!* Hoje para tirar um atleta do nível do Mozhiah, do nível da Adrian, do nível da Daiane, tem que tirar de *um milhão*, não é de três ou quatro! Então isso são exceções e beira um pouco a sorte também. Não é um planejamento para que possa vir acontecer a fazer atletas.

⁹ Campeonato Mundial de Ginástica.

¹⁰ Mosiah Brentano Rodrigues.

¹¹ Adrian Geovana Gomes.

G.B. – Tu citaste a Daiane várias vezes. Tu lembras se tinha mulheres praticando na década de 1980?

G.G. – Sim, na minha época o que tinha mais destaque eram as meninas. Eu cito a Daiane como um divisor de águas na ginástica, de colocar a ginástica em outro patamar, mas teve uma outra ginasta que se chama Lilian Carrascoza, do Rio de Janeiro do Flamengo, se eu não me engano... Ela foi da década de 1970 até 1980, então ali também ela já era uma atleta com um perfil mais de atleta de alto nível internacional. Mas o feminino era muito forte na época, era bom, tinha boas atletas, tinha a Luisa Parente¹² também. Na minha época quando eu fui para as Olimpíadas em 1984 em Los Angeles, junto no feminino foi a Tatiana Figueiredo, então tinham boas atletas. E a equipe do Brasil, a equipe como equipe, também era uma equipe boa, era uma equipe forte. Nós fomos terceiro lugar no Pan Americano, então sempre tinha uma equipe bem forte, na época. Não comparando com essa de hoje, que é *muito* forte, mas tudo no contexto da época. Então na época era uma equipe forte. Para tu ter uma ideia: no mundial a nossa equipe do Brasil ficou em vigésimo terceiro lugar; hoje a equipe do Brasil ficou em sexto, se eu não me engano, no sexto lugar. Quer dizer: sexto lugar era impossível na nossa época de acontecer, nem que tirassem todos os atletas! [risos].

G.B. – Antes dos Jogos de 1984, quais momentos da tua vida esportiva tu destacarias?

G.G. – Eu participei de uns jogos sul-americanos infantil, ou juvenil, alguma coisa assim, onde eu tirei primeiro lugar. Foi na Argentina. Então eu destacaria isso, esse momento na Argentina ali que eu fui.

C.M. – Lembra em que ano?

G.G. – Ah, eu não sei, mas eu acho que foi 1978 ou 1979. E assim, isso eu destacaria como um resultado bom, e o que eu destacaria era os JERGS¹³, que eu achava *muito* bom... Jogos Escolares Brasileiros, que era uma reunião de todos os atletas de todos os esportes, que iam

¹² Luisa Parente Ribeiro de Carvalho.

¹³ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

para Brasília fazer tipo uma Olimpíada escolar. Isso eu não sei se existe ainda, acho que não existe.

C.M. – Em outro formato, mas existe.

G.G. – É, na época já estavam mudando o formato porque ao invés de JERGS, que era Jogos, eles estavam passando para CERGS¹⁴ parece, que era Campeonato... Aí era mais regional.

C.M. – Descentralizado.

G.G. – Isso. Mas era muito legal, porque era em Brasília e Brasília era nova ainda, não *tão* nova, mas uma cidade bem legal. A gente ficava nos colégios, dormia nas salas de aula com beliches e tudo mais, almoçava nos RUs¹⁵ de Brasília. Quer dizer: não só a parte de ginástica, mas tudo isso era importante, a própria viagem, a integração dos atletas. Isso é uma coisa que era boa e eu acho que poderia continuar para gerar mais alunos. Assim como os Jogos Universitários também, que existe, né?

C.M. – Sim.

G.G. – Mas não tem um nível muito alto, eu acho. Já foi bem mais. Mundialmente tem as Universiades¹⁶. Eu participei das Universiades de Kobe¹⁷ em 1985. E foram os *melhores* mesmo, do mundo. Foi um campeonato *super* legal! Mas os campeonatos das universidades brasileiras são fracos, normalmente são poucas pessoas e eu acho que fazer jogos escolares fortes e campeonatos universitários fortes, dando bolsa para os atletas... Fazer como os americanos fazem! Os americanos fazem isso, eles dão bolsa. A minha geração praticamente toda foi para os EUA com bolsa, morar. Praticamente todo mundo foi para os EUA.

¹⁴ Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul.

¹⁵ Restaurantes Universitários.

¹⁶ Jogos Mundiais Universitários.

¹⁷ No Japão.

G.B. – Sobre o início da sua carreira, antes dos Jogos, tem mais alguma coisa que você queira destacar?

C.M. – Teve alguma lesão?

G.G. – Não [risos]. Eu fui um cara que tive pouquíssimas lesões. Coisa grave, grande, não. Alguma coisa assim de quebrar dedo, mas não... Nada que me impedisse assim... Uma semana parado e depois voltar ou até mesmo fazer com a lesão. Nunca tive... Eu me lembro quando criança ainda que eu machuquei o ombro em um movimento, mas também não foi nada de mais, eu não tive lesão. Eu tinha uma ginástica simples, limpa e aí não me dava lesão. [riso] Arriscava um pouco, mas não era um cara que arriscaria assim... Fazia alguns movimentos mais arrojados e tudo, mas não era tão... Não tinha lesão, não sofria lesão.

G.B. – Gerson, como foi a sua preparação para os Jogos? Você fez alguma preparação especial, ficou no Brasil, saiu do Brasil?

G.G. – Eu fui classificado para os Jogos Olímpicos de Los Angeles no Mundial¹⁸ anterior em Amsterdã. Desculpa, eu estou confundindo. Em Budapeste, na Hungria, em 1983 foi o Mundial, então nesse Mundial que o Brasil ficou em vigésimo terceiro lugar. Então na época tinha assim: do primeiro ao décimo segundo leva a equipe, do décimo segundo ao décimo quinto levam dois ou três atletas, do décimo quinto ao décimo nono levam dois atletas e depois levam um atleta. Então o Brasil, como vigésimo terceiro, tinha direito a um atleta e normalmente era o primeiro colocado da equipe brasileira naquele campeonato. E eu fiquei em primeiro lugar, para tu ter uma ideia: eu, o primeiro brasileiro, da equipe brasileira, no campeonato mundial, foi o centésimo décimo [riso]. Para ver a diferença que tinha! E eu fui classificado para ir para os Jogos Olímpicos nesse campeonato. Então praticamente um ano depois, um pouco menos de um ano, a preparação que eu tive foi dentro do Minas Tênis Clube. Não teve nada *muito* especial. A única coisa que eu me lembro foi o último mês de treinamento, que pega na época de férias escolares no meio do ano e eu morava em BH em uma república de atletas. Tinha o pessoal do vôlei e da ginástica, e o pessoal, a maioria, de fora, como era república não era pessoal de BH, a

maioria de fora, tanto do vôlei quanto da ginástica. E o pessoal nessa época de férias escolares e férias de meio de ano, vão visitar suas famílias e tudo, então eu acho que eu fiquei umas duas semanas treinando sozinho. Então eu me senti muito solitário naquela época de treinamento. Eu treinava de manhã e de tarde, mas praticamente sozinho. Porque eu tinha o objetivo, lógico, de ir para os Jogos Olímpicos, mas não tinha para a equipe toda, era só eu, então era no ginásio era eu sozinho com o treinador, na república – que tinham quatorze pessoas morando lá – só tinha mais dois ou três, ficava vazia. Então eu me lembro desse momento assim de um pouco de solidão... [riso].

C.M. – Essa classificação mundial era em todos os aparelhos?

G.G. – Todos os aparelhos. Na época eram os seis aparelhos e tinha as provas livres e as provas obrigatórias. Então eram doze notas, na verdade. O primeiro dia era todos os seis aparelhos obrigatórios – obrigatório é que todo mundo faz a mesma prova, a mesma rotina a mesma coisa, todo mundo faz. Passando dois dias aí seriam as provas livres. Então tinha a nota para classificar primeiro, segundo, terceiro, depois ia para as finais. Aí classificava para as finais, mas nessas doze que eu fiz a média 9,20. E aí lá em Budapeste que eu ganhei o brevê de atleta classe internacional, acima de nove pontos.

C.M. – E na Olimpíada¹⁹ também as competições eram por aparelhos?

G.G. – Também, a Olimpíada é o mesmo modelo do Mundial, foram doze aparelhos. Só que nas Olimpíadas eu fui pior, eu fiz média nove e pouquinho. Na Olimpíada eu fui abaixo do que eu fui no Mundial.

G.B. – Como você analisaria a sua participação nos Jogos Olímpicos de 1984, considerando que a primeira participação do Brasil foi em 1980.

G.G. – Tchê, eu me lembro de uma vez, o João Luis Ribeiro, em 1980, ele treinou aqui no Rio Grande do Sul também, ele treinou com o Jairo Brandão. Ele é catarinense, mas ele

¹⁸ Campeonato Mundial de Ginástica.

¹⁹ Jogos Olímpicos.

começou toda a ginástica dele aqui e depois foi para São Paulo, no Pinheiros²⁰. Eu me lembro que, foi em Moscou, e na época não tinha muita divulgação... Na televisão era mais difícil aparecer coisas de jogos e tudo, eu me lembro da abertura do Misha²¹, lembra? Vocês devem ter visto pelo menos.

C.M. – Sim [risos].

G.G. – Então tinha a abertura do Misha e tudo mais e eu vi depois algumas cenas do João competindo. E dava pra ver que ele estava muito nervoso na competição e também poderia ter feito melhor, fez bem, mas poderia ter feito melhor. E eu tinha, então quatro anos antes, eu tinha dezesseis anos, aí eu pensei: “Pô, porque o João fica nervoso se ele sabe que ele não está disputando, vai lá faz o que treinou...”. E quatro anos depois eu fui para a Olimpíada [risos] e aí senti na pele o que ele estava passando. Eu também fiquei muito nervoso, foi um momento... Eu me lembro de uma cena como se fosse agora, falando com vocês, que nós estávamos no ginásio de competição – a minha competição era as oito horas da manhã, a primeira competição – e eu ia ser o primeiro atleta a entrar na arena, puxando uma fila. E aí tinha atrás, antes de entrar, uma cortina tapando a entrada do ginásio, uma cortina pesada que tu não escutava tudo. Aí o meu técnico, Mário Pardini²², na época, chegou: “Gerson, vem cá, dá uma olhada...”. Porque a gente aquecia tudo no ginásio de aquecimento, não via o ginásio de competição mesmo. A gente treinou no ginásio de competição, mas nos dias anteriores... Mas na hora tu não vê. Então oito horas da manhã, a gente aqueceu, treinou, aí estamos esperando ali naquele corredor que entra para o ginásio, todos os atletas e tudo mais e aí ele: “Gerson, vem cá, dá uma olhadinha”. Aí ele abriu aquela cortina, uma cortina pesada, aí eu escutei aquele barulho de torcida. Cara, estava lotado aquele ginásio! Ele queria que eu já entrasse no clima. Aí entrei, fui o primeiro puxando a fila e tive uma competição muito irregular. Fui bem abaixo do que eu poderia fazer e eu acho que muito pelo nervosismo, porque aquilo que eu falava... Pensava, quando o João foi em 1980, que eu digo: “Pô, porque ficar nervoso, se não está disputando primeiro, segundo lugar”, mas tu não fica nervoso porque tu está disputando primeiro e segundo lugar, [risos] tu fica nervoso pela circunstância. E ali eu fiquei, por mais

²⁰ Esporte Clube Pinheiros.

²¹ Mascote dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980.

²² Mario César Cheberle Pardini.

preparado que eu estava ou que pude me prepara, realmente é muito... Eu senti um peso muito grande, sabe? É um peso que ninguém põe em ninguém, mas tu sente que tu está no maior evento do mundo e tem cobranças subliminares, vamos dizer assim. Toda hora tu dando entrevista, perguntando em jornal, em rádio, em televisão, se tu vai bem, e tu sabendo que não vai bem. E tu diz: “Não, vou dar o meu máximo, vou melhorar...”. Quer dizer, então, de certa forma tem essa cobrança indireta que vai te colocando um peso nos ombros. Se tu não estivesse muito bem preparado psicologicamente, e talvez eu não estivesse, aí tu vai sentindo e vai passando depois para o resultado das tuas provas, então eu fui bem abaixo do que eu poderia fazer. Então talvez pelo nervosismo e talvez pela minha preparação que não foi tão adequada assim, poderia ter sido melhor.

G.B. – Sobre a Vila Olímpica, como eram as instalações, alimentação?

G.G. – Olha, a Vila Olímpica foi no campus da Universidade da Califórnia, a UCLA. Assim, diferente do que alguns Jogos Olímpicos ou até Pan Americanos, em que os caras constroem aquelas vilas novas, lá era nos alojamentos da universidade. Claro que era muito legal e o que chamava a atenção é que tinha muita segurança, muita segurança, era S.W.A.T.²³. Para tu entrar e sair do teu dormitório, tu passava por detector de metais, para entrar no refeitório, tu passava... E tinha que andar sempre com o crachá de identificação. Eu me lembro de uma vez que eu saí e no meio do caminho eu vi que eu estava sem crachá e aquilo me deu um susto enorme e eu tive que voltar correndo para pegar o crachá. Mas é um clima... Eu te diria assim... Está todo mundo focado no seu esporte, é um clima muito tenso. A vila olímpica é um clima muito tenso, diferente do que a gente acha: que é uma festa, que todo mundo se diverte. É muito tenso, cada um na sua, cada um treinando, fazendo a sua rotina dos jogos ali. Eu vi isso, eu senti isso, que era um clima tenso, sabe? Tenso por estar cada um focado no seu objetivo. Mas a alimentação era ótima! A comida ótima, com vários pratos, vários tipos, agrada todo mundo. Tudo! Tinha shows dentro da vila, palco, shows ao vivo. A gente ia lá se divertir e relaxar um pouco. E o ginásio de competição da ginástica era praticamente dentro da vila, então a gente ia com aqueles carrinhos de golfe, pegava carona. Era um quilômetro, mais ou menos, e estávamos dentro do ginásio. Então era muito bom: a gente não precisou de ônibus para traslado, nada.

G.B. – E nesse momento teve alguma experiência que te marcou, alguma coisa que te deslumbrou?

G.G. – Olha, o que realmente me marcou, positivamente e ao mesmo tempo negativamente, foi a abertura dos Jogos Olímpicos, que nós fomos, eu e meu técnico e mais a delegação brasileira. Nem todos foram, mas nós fomos. Participar da abertura é uma coisa sensacional, uma coisa que fica para a vida toda. Mas a abertura tu fica praticamente o dia inteiro fora, chega cedo no lugar da abertura, fica em um ginásio separado esperando toda aquela cerimônia e só quando entram os atletas que tu vai assistir. Agora não me lembro, realmente, de cabeça, mas eu acho que nós saímos ao meio dia e voltamos às dez horas da noite, alguma coisa deste tipo. E no outro dia eu tinha competição às oito horas da manhã. Então isso aí foi um problema, porque foi ótimo tudo, mas me prejudicou *muito* eu ter participado disso... Hoje eu analiso assim, na época eu nem questionava participar e nem meu técnico eu acho que questionava, pelo fato assim: “Pouco vai mudar o resultado do Gerson, né!”. Imagina eu estar aqui hoje falando com vocês e dizendo: “Olha, eu não participei da abertura das Olimpíadas”, seria mais frustrante ainda [risos]. Mas se tu encarar profissionalmente e muito seriamente, eu não deveria ter participado da abertura, mas foi uma decisão que o meu técnico tomou e que eu acho que na época ele estava certo, porque ele pensou assim: “Como é que nós vamos vir aqui e não vamos ver uma abertura?”. Eu nunca conversei com ele sobre isso e nunca vou ter a oportunidade porque ele já é falecido, mas eu penso isso: penso que na cabeça dele passou isso. Eu me lembro que na volta nós pegamos o primeiro ônibus para voltar, eu jantei e deitei na cama para dormir, cansado... Sabe quando tu fica o dia inteiro, pesa, cansa, tu fica com as pernas doloridas, mesmo de ficar sentado! E voltei correndo para a vila para dormir e já no outro dia tinha que acordar às seis horas da manhã, então quer dizer: realmente essa minha recuperação foi pequena e hoje eu não é que eu não recomendaria participar... Normalmente os atletas que competem no primeiro dia não participam, hoje em dia. Mas, assim, em um caso extremo de um esporte em que tu não vai estar “concorrendo”, acho que não vale a pena perder a abertura! [risos].

C.M. – Essa olimpíada em especial teve um boicote, tinha uma situação mundial que era diferente. Você chegou a sentir alguma influência dessa situação?

²³ Special Weapons and Tactics.

G.G. – Teve... É, era sempre ruim os boicotes, tanto é que na minha época o que eu mais considerava era o campeonato mundial, porque iam todos os países. E na época, por esse momento político que existia, de Guerra Fria da União Soviética e os Estados Unidos, tinha esses boicotes. Em Moscou teve boicote, os americanos não foram e todos os aliados dos americanos, não sei te dizer quem. E nessa já teve uma exceção, que foi a China. A China participou, um país comunista, e mostrou a ginástica que tem! Então lá que começou a ginástica da China. Mas eu acho que os boicotes prejudicaram tecnicamente o evento. A ginástica é muito atingida por isso, porque a Cortina, a antiga Cortina de Ferro²⁴ era muito forte. A escola da cortina de ferro era muito forte na ginástica. Então tu já não tendo esses países, o nível já baixa um pouquinho, mas como evento, no geral, eu acho que foi bom, assim como foi bom em Moscou²⁵. E hoje em dia que bom que não tem mais isso! Ótimo!

G.B. – Tu falaste da Olimpíada, da parte técnica... Tu sentes muita diferença da competição do mundial para a competição da Olimpíada? Tirando a abertura, é claro.

G.G. – Diferença de técnica, tu diz?

G.B. – Sim.

G.G. – O mundial, na época, era mais forte. Tinha todos os melhores atletas e as Olimpíadas em função do boicote já não tinha pelo menos metade! Realmente tem essa diferença, tanto é que ganhou os Estados Unidos, e os Estados Unidos não costumava ganhar Olimpíadas, né! É um dos grandes expoentes mundiais, mas não era o mais forte... Ainda tinha outros muitos na frente. Ganharam da China até. Até eu vou te dizer: nem me lembro direito do resultado, mas acho que foi alguma coisa assim... E o individual geral foi um japonês que ganhou, um japonês com uma idade bem avançada até, vinte e sete anos, se não me engano! Eu estou falando de cabeça aqui, mas não me lembro mesmo, eu teria que pegar e dar uma lida aí para ver quem é que ganhou na época [risos].

G.B. – Qual é a repercussão dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

²⁴ Expressão utilizada para se referir ao domínio da União Soviética sobre o leste europeu.

²⁵ Jogos Olímpicos de Moscou em 1980.

G.G. – Tchê, é uma coisa que eu vou levar para sempre na vida. Pô, hoje, trinta anos depois, eu estou aqui falando com vocês sobre isso! [risos] E eu acho que se eu tiver oitenta anos, como meu pai, que foi no campeonato mundial, vai ter alguém interessado em saber como foi aqueles Jogos Olímpicos. Na minha carreira de ginasta praticamente foi o ápice. Claro que eu gostaria de ir à outra Olimpíada, mas não participei. Mas na minha vida é o que balizou tudo, sabe? Então eu me sinto, às vezes, até um pouco envergonhado do pessoal assim: “Ah, foi para as Olimpíadas” e tudo mais. Porque o pessoal sente orgulho de uma pessoa que participou da Olimpíada e, de certa forma, até te veem diferente às vezes, te veem como um atleta... Um atleta olímpico, então coloca uma carga em cima de ti do atleta, que é um cara dedicado, quer dizer... Tudo o que há de bom em uma pessoa, né! [risos] Então de certa forma a gente tem que carregar esta imagem e talvez não frustrar as pessoas por isso. Mas na minha carreira esportiva não mudou muita coisa. Eu voltei... Assim, para te dizer a verdade, eu fui com vinte anos e eu achava que eu já era velho, mas hoje vinte anos eu acho tão novo. Eu tenho um filho de quinze, daqui cinco anos ele com vinte anos. Eu fui com vinte anos, para tu ter uma ideia, na época que eu treinava, a comunicação era muito difícil. A comunicação era muito difícil... Eu tenho poucos registros de eu fazendo ginástica e às vezes, aqui em Porto Alegre, com o Jairo Brandão, a gente pegava e comprava filmes Super 8... E comprava filme Super 8 vencido, porque era mais barato, para filmar. O Jairo tinha o Super 8, filmava e depois, sei lá, de um mês, a gente ia ver no projetor e tudo mais. [riso] Então a gente tinha essa dificuldade tecnológica, assim de ver, porque é importante ver como é que tu faz, ou o que o técnico quer te explicar, com é que tu tem que fazer, ou ver os outros também. Ver a ginástica dos outros. Isso para nós era primitivo. Na verdade na época não era primitivo, mas comparando com hoje era primitivo! Porque hoje tu pega o celular aqui e pode filmar [riso] e ver na hora, passar quadro a quadro e fazer o que quiser com isso. Qualquer um, uma criança, naquela época só o pessoal profissional fazia isso. Mas voltando a pergunta sobre o que mudou na minha vida, na minha vida esportiva eu te disse que eu acho que não mudou muita coisa logo depois... Eu fui em 1985, em 1987 eu já parei de fazer ginástica porque eu não consegui me classificar para as Olimpíadas no outro campeonato mundial... Mas mudou na minha vida tu aceitar muita coisa. Tu aceitar... A ginástica por si só tem um destaque nos Jogos Olímpicos, ela é um dos esportes que tem mais audiência, que tem mais presença. Eu acho que ela está em terceiro ou quarto, eu acho que primeiro é o

atletismo, de procura. É um esporte que o pessoal gosta, admira. Aí participar da Olimpíada no esporte de ginástica e tu ser o único participante brasileiro, sendo o *segundo*²⁶... Pioneiro, praticamente, começando... Então tinha uma valorização muito grande. Hoje ainda existe uma valorização. E tu sabe das tuas condições, então... Eu de certa forma fiquei frustrado com meu rendimento lá, eu achava que eu poderia ter uma participação melhor, mas ao mesmo tempo em que eu fiquei frustrado com meu rendimento eu tive que assumir isso. Eu tive que assumir tudo aquilo que estava em volta de mim... “Ah, vai conseguir medalha”, “Não vai conseguir medalha”... Eu tive que assumir e dizer: “Não, eu fui o penúltimo lugar... Só ganhei de um”. Quer dizer, é difícil tu assumir essa condição, tu saindo de um país onde os caras acham que tu vai ganhar medalha! Sabe? [risos] Então esse crescimento foi bom para mim. Foi bom... De assumir o que realmente eu podia fazer, o que eu fiz e o que eu consegui. Então essa passagem pelos Jogos Olímpicos me deu isso: de assumir as tuas limitações, sabe? E isso eu acho que é importante na vida geral, não só na vida esportiva. Tu tem as tuas limitações e se tu conhece elas, tu vai muito mais. E eu acho que assim que eu consegui ir para as Olimpíadas, porque eu conhecia as minhas limitações. Eu não era o melhor atleta do Brasil. Conhecia as minhas limitações e fiz aquilo que no início da entrevista eu falei: Eu fazia uma ginástica simples, limpa – dentro do código de pontuação, claro – mas era simples, limpa... Por isso que eu também não me machucava, que nós estávamos comentando de não se machucar. E então se tu conhecer as tuas limitações eu acho que tu vai muito mais do que se tu achar que pode mais do que tu tem. Isso foi o crescimento que eu tive por participar dos Jogos Olímpicos.

G.B. – Considerando que você foi a primeira participação gaúcha na modalidade, qual o significado para o esporte do Rio Grande do Sul?

G.G. – Olha, eu não sei se teria muito significado para o esporte do Rio Grande do Sul... Eu não vi resultado depois disso, então não teve, eu acho, muito resultado... [risos] É que, diferente do que a gente está fazendo agora, normalmente em época de Olimpíada, parece que só naquele ano que surgiu a Olimpíada! [risos] E não é, é tudo um ciclo, de quatro em quatro anos e tudo mais. Então assim, eu gostaria de ter sido uma marca para o Rio Grande

²⁶ O primeiro brasileiro a concorrer na ginástica artística masculina nos Jogos Olímpicos foi João Luiz Ribeiro, nos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980.

do Sul, de melhorar o esporte, mas acho que eu não consegui. Não vi, honestamente, isso, sabe? Até vi uma decadência logo depois de participar, até os anos 1990 foi muito ruim, o estado na ginástica e eu acho que no esporte em geral. A gente pode dizer no esporte em geral. O Rio Grande do Sul está muito abaixo do Brasil em relação ao esporte em geral. Em esportes Olímpicos! Mas fica um pouco do orgulho de às vezes tu contar que no Rio Grande do Sul tem um atleta olímpico. Eu acho que é só isso, mas como um resultado *prático*, eu acho que não teve. Aí tu pode dizer: “Ah, mas veio a Daiane, veio o Mosiah, veio...”. Mas isso aí são exceções. Não foi uma coisa motivada pela minha ida à Olimpíada, ou pela ida do João Luiz Ribeiro à Olimpíada. Não sei se teve... A pergunta é?

G.B. – Se a tua participação, como tu foi o primeiro, modificou algo para a ginástica aqui.

G.G. – É, eu acho que não. Resumindo: eu acho que não mudou nada. Mesmo porque eu morava em Belo Horizonte na época. E eu era considerado o primeiro gaúcho e o primeiro mineiro [risos]. Eu aparecia nas listas assim: “Os cinco mineiros que vão para as Olimpíadas”. Aí eu estava na lista! [risos] E aqui nos cinco gaúchos eu estava na lista também! [risos]

C.M. – Você continuou trabalhando com a ginástica de alguma outra forma?

G.G. – Não. Não, eu parei em 1987. Até quando adolescente eu tinha vontade de fazer educação física, de dar treino de ginástica, mas aí parei, porque tem uma fase no esporte e no atleta que, quando tu está terminando, tu não quer mais. Tu já terminou, porque tu não aguenta mais aquela rotina e por mais que tu goste, tu vai começando a crescer, ser adulto e ter outras coisas pela frente e realmente eu já estava saturado da ginástica. Então eu queria um descanso e não queria me envolver mais com a ginástica na época e até hoje eu não me envolvo. Hoje eu participo só do Conselho Fiscal da Federação Gaúcha²⁷ e pouca coisa assim, só como colaborador. Pouca presença eu tenho na ginástica.

C.M. – Com o que você foi trabalhar depois?

²⁷ Federação Gaúcha de Ginástica.

G.G. – Eu comecei a trabalhar no que o meu pai trabalhava, ele era representante comercial de calçados e eu continuei e até hoje sou representando comercial, hoje não de calçados, de confecção. Então praticamente eu saí do esporte, comecei a trabalhar com ele e até hoje venho trabalhando com representação na área de confecção e a ginástica ficou para trás. E nesse meio tempo, eu mais ou menos substituí a ginástica como uma atividade esportiva, pela corrida e a partir de 1994 eu comecei a fazer maratona. Eu já corri onze maratonas. [risos] A minha última foi em 2010 agora e corri – para um amador, um leigo – relativamente bem. Meu melhor tempo foi 2 horas e 46 minutos, que é um tempo bom, mas eu treinei bastante também [risos] não foi de graça, não! Talvez a ginástica tenha me ensinado isso: a disciplina, dedicação aos treinos e tudo mais. E também, conversando com várias pessoas, a memória esportiva, os músculos, tu tem uma constituição já mais definida para o esporte e tudo mais. Isso me ajudou a fazer bastante maratona em tempos bons. Na maratona para os leigos, para o pessoal que faz como “*hobbie*”, fazer abaixo de três horas é muito bom. Então eu fiz três maratonas abaixo de três horas, as outras eu não consegui! [risos] E na maratona eu me machuquei, a panturrilha... A maratona tem um desgaste físico muito grande. O desgaste maior é o treinamento! Para tu fazer uma maratona razoável, hoje tu tem que treinar.... Claro que tu não pode sair do zero, mas ser corredor já e treinar para a maratona três meses. Então são doze semanas mais ou menos, de treinamento. Então essas doze semanas tu fazendo quase cem, cento e poucos quilômetros por semana, isso é um desgaste *muito* grande, muito grande! Principalmente para quem não é um atleta profissional: tu trabalha e tu está correndo e trabalhando ... Então eu substituí.. Ainda hoje corro. Até, no passado, corria todos os dias, agora estou correndo quatro vezes por semana, tenho um grupo de corrida. Então eu substituí a minha vida esportiva pela corrida, que é um esporte relativamente fácil, tu põe um tênis e sai correndo... Basta ter vontade e gostar. Gostar de correr, no início ninguém gosta [risos]. Mas depois tu vai pegando, vai recebendo as endorfinas e aí vai ficando um pouco viciado na corrida e aí toca adiante [risos].

G.B. – Tem algo que nós não registramos que você gostaria de registrar? Deixar marcado...

G.G. – Não... Eu te digo assim: tudo que eu falo aqui com vocês, eu tinha muito mais fresquinho há tempos atrás! [risos] Então tu vai perdendo... Por isso que eu comentei antes de a gente gravar aqui que algumas verdades que eu estou dizendo hoje, talvez não foram

realmente como aconteceu, mas é aquela coisa que tu vai trazendo, que tu vai incorporando na tua vida e vai modificando. De repente numa mesma questão aqui que eu estou falando aqui um que viveu lá diz: “Ah, mas não foi assim!” [risos]. Mas essa foi a minha visão *hoje* do que aconteceu. Mas acho que não, não sei... Acho que não.

C.M. – Sim, sim.

G.B. – Muito bem, então eu estou finalizando a entrevista aqui com o Gerson Gnoatto. Muito obrigado, Gerson!

G.G. – Valeu, obrigado vocês, foi muito bom!

C.M. – Obrigada, o CEME agradece!

[FINAL DA ENTREVISTA]